

“*Karai é tavy*”, narrativas Guarani sobre alguns comportamentos ininteligíveis do branco.¹

Dra. Deise Lucy Oliveira Montardo, Departamento de Antropologia/ PPGAS/UFAM

Resumo: O branco, denominado *karai* pelos Guarani do Mato Grosso do Sul, são objeto de comentários muito críticos em relação a alguns dos seus comportamentos, incluindo, entre eles, o adjetivo *tavy*, que pode ser traduzido por bobo. Estas críticas referem-se principalmente ao elevado índice de desmatamento cometido naquela região. Neste artigo exploro as narrativas destas críticas, bem como outras sobre as missões evangélicas alemãs, que tiveram uma atuação intensa entre eles. Nas narrativas sobre as missões surgem, acompanhados da reflexão crítica, contemporânea, os aspectos de fascínio exercido pelo que seria “ser branco” no imaginário do passado.

Palavras-chave: guarani, contato, narrativas

Faço nesta comunicação, a partir da proposta do Grupo de Trabalho “Narrativas e percepções nativas das relações de contato com os brancos”, uma espécie de retomada da experiência, numa visita aos diários de campo e anotações sobre eles feitas à época de minha pesquisa de doutoramento, ocorrida entre os anos 1997 e 2000, entre os Guarani Nhandeva e Kaiová no Mato Grosso do Sul. O objetivo do trabalho então era a realização de uma etnografia musical e que resultou na tese de doutorado e artigos (Montardo 2002, 2003, 2004, 2006).

Uma das maneiras de iniciar o assunto, quando se trata de falar das concepções indígenas sobre o branco é analisar como este aparece diferenciado nos mitos de origem. Há grupos, por exemplo, onde esta diferença recai na escolha das armas para caçar, nos quais o índio opta pelo arco e flecha enquanto o branco escolhe a espingarda. Entre os Nhandeva e os Kaiová, ouvi diversas versões deste tipo de escolha, só que no caso, no momento da diferenciação, quando o herói criador abre a mala e pede para que o índio e o branco peguem os seus objetos, o primeiro toma para si o *mbaraka*, chocalho, instrumento musical, enquanto o branco opta pelo papel.

¹ “Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, 2008, Porto Seguro, Bahia, Brasil.”

Ouvi diversas vezes a afirmação de que o *mbaraka* é a identidade do guarani. Em contrapartida, em tom de estranhamento, vem a assertiva de que o branco precisa de um papel para saber quem é. Com a obtenção de conhecimento ocorre o mesmo estranhamento, sendo que o guarani pode aprender através da escuta enquanto o branco tem que escrever e guardar uma quantidade imensa de papéis.

É claro que diante do contexto de reivindicações para retomada de suas terras e outros direitos, os Guarani passaram a utilizar-se abundantemente dos papéis, não sem prescindir do *mbaraka*. Efetivamente, quando os processos de retomadas estão ocorrendo, uma das principais preocupações é a garantia da presença de um xamã forte que garanta, através dos rituais, a eficácia do processo.

Foi numa situação destas que, em 1997, tive o primeiro contato com a realidade dos Guarani no Mato Grosso do Sul. Fui a primeira vez, acompanhando o GT de identificação de terras da Funai² que tratava da área reivindicada Potrero Guasu. As famílias desta área residiam então na AI Piraju'y, ambas no município de Paranhos, fronteira com o Paraguai. Há cerca de 30 anos haviam sido pressionados a abandonar seus locais por ações governamentais, que almejavam fazer reforma agrária naquela área, como de fato fizeram, com ações do Incra. Foram motivo de sua transferência para a Reserva Piraju'y também a dependência criada na época pelas missões religiosas alemãs que se instalaram naquela região e que eram as únicas fontes de remédios e outros bens.

Em uma das etapas posteriores da pesquisa ouvi do Professor Valentin Pires, jovem de uma família originária do Potrero Guasu, uma narrativa que considerei muito significativa e que diz respeito a esta situação vivenciada por ele.

Ele conta ter sido levado para a Missão evangélica quando criança e que lá, foi educado junto com crianças guaranis de outros sub-grupo, Kaiová e com Terena, todos proibidos de falar suas línguas. Contou como as irmãs exibiam slides de jovens casando com terno e de como isto o atraía para o mundo dos brancos como possibilidade de se tornar adulto e também rico. Segundo ele as irmãs passavam para eles a idéia de que todos os brancos eram ricos. Conta que já adulto,

“no ano de 1991 teve um encontro de professores indígenas de MS, promovido pela Secretaria Estadual de Educação e assessorado pela Profa

² O GT de Identificação da terra Potrero-Guasú foi coordenado pelo antropólogo Ruben Thomaz de Almeida, a quem agradeço ter me apresentado aos Guarani do MS.

Marta Maria Azevedo. Neste dia aconteceu uma coisa interessante comigo. Nos fomos para debater educação escolar indígena, sobre direito que os índios tem para ensinar dentro da sala de aula. A Marta explicou sobre a educação para os índios e educação do índio, qual a diferença destas duas. Depois nós fomos para sala de vídeo para assistir um filme de reza. Eu vi aquele povo guarani dançando e rezando e eu comecei a me sentir estranho naquele dia. Que eu faço parte de um povo diferente, que tenho outra língua. Eu comecei a ver aquela dança e fui no banheiro e comecei a chorar. Comecei a me sentir um forte indígena. Sou diferente, penso de outra maneira, tenho minha história, minha educação. A educação que era colocada era imposta, para destruir. Me senti forte para recuperar, língua e valores, e responsável como professor, para recuperar palavras que estão sumindo.

A narrativa do Valentin aponta para um fascínio acerca do mundo do branco ocorrida na infância sob a influência das religiosas, e também para uma crise existencial de encontrar-se dividido entre mundos diferentes. Ele comentou que ficou mal, “uns quatro anos meio perdido, sem saber o que pensar e se sentindo roubado”.

Ressalto aqui a música e o ritual como chave neste processo de tomada de consciência, como um dos elementos que constrói a ambiência, trazendo a tona o que foi reprimido ou roubado dele e dos seus. Vale dizer que no processo de retomada da terra, os rituais xamanísticos, as pinturas corporais, os artesanatos tradicionais e outras práticas foram retomadas com vigor pelas famílias de Potrero-Guasú.

Uma crítica ao comportamento do branco que aparece muito forte, diz respeito ao desmatamento. Neste âmbito os brancos são classificados como *tavy*, que pode ser traduzido por bobo, inocente, enganado. É considerado algo ininteligível tirar a cobertura vegetal da terra, é o mesmo que matá-la. Como a terra é um ser vivo, a vegetação é a sua umidade e sua condição de vida. José Morales, meu principal anfitrião na AI Piraju'y foi o mais enfático nesta crítica, me levando para ver alguns vestígios que indicavam o tamanho das árvores que haviam ali, denunciando que naquele caso, por ser Reserva Indígena, a madeira havia sido vendida pelos próprios funcionários da Funai, há alguns anos atrás.

José Morales narrou ainda episódios de muito terror ocorridos nas últimas décadas. Um dos mais recuados no tempo e que José narrou destacando o fortíssimo teor de humilhação sofrido pelos seus, foi a compra dos cabelos das mulheres por brancos que se aproveitavam da carência dos Guarani por bens industrializados. Ao ouvi-lo contar que as mulheres ficaram todas carecas e o quanto isto foi humilhante para os homens, é difícil não sentir revolta. Outro episódio foi a compra das borboletas. José diz que hoje quase não se vêem borboletas na Área, mas que no passado eram muitas e variadas até que brancos passaram por lá, novamente aproveitando-se da situação e forçando-os a limpar a Área, caçando as borboletas, *panambi* em guarani.

Episódios de violação de mulheres por parte de brancos, inclusive funcionários da Funai, abundam também.

Outro tipo de narrativa que obtive apresentou uma crítica muito forte e contundente ao comportamento do branco. Convivendo no dia a dia com a família de Dona Odília Mendes, na Aldeia Amambaí que, pela proximidade desta com a cidade de Amambaí, é muito visitada, pude presenciar uma atitude de desprezo pelo branco. Descrevo aqui a cena em que o trabalhador de um órgão local da saúde esteve lá e, como soa acontecer quando percebem a presença de um branco passou a dirigir-se a mim, dizendo absurdos como: “eles não tem casa”, e coisas do tipo. Meu sangue ferveu e falei duramente com ele, ofendida. Todo o grupo riu muito de minha atitude, fui motivo de graça por vários dias consecutivos. Quando contavam a passagem para outras pessoas, diziam: “*tia moroti ovale*”, ou seja, a tia branca tem valor. Eles me chamavam carinhosamente assim. Ao mesmo tempo que elogiavam minha atitude, manifestavam que não valia a pena se abalar por seres como aqueles, num desprezo total aquele branco.

Esta atitude que estou denominando de desprezo pode ser interpretada também como um sentimento de superioridade. Isto pode ser relacionado com a certeza de um poder advindo de conhecimentos secretos de que os Guarani são depositários.

Outra possibilidade a ser trabalhada nesta comunicação é retomar o que na época pensei sobre os brancos ao conhecer os Guarani, fórmula mais tradicional de reflexão antropológica. O estranhamento que sentimos sobre nossa própria cultura e a maneira como temos reformulada a visão de mundo numa mudança de caráter existencial, no meu entender é um objeto da antropologia que jamais se esgota.

José Morales colocava todo o tempo, cada vez que iniciava uma fala, sobre sua orfandade, sobre como viveu sempre sem o carinho da mãe, que morreu quando ele

nasceu. Sobre como, até os dias atuais, ao sair para caminhar, queria encontrar a mãe, poder ter este carinho do qual, segundo ele, nunca foi objeto. O sofrimento existencial dele me tocava profundamente, me fazendo refletir sobre o ideal de desgarramento e individualização, o qual minha geração já a reboque de anteriores, cultivou.

Ali o que sentia era o oposto, a convivência e a partilha do alimentos como formadores da pessoa. Meu anfitrião comentou várias vezes que “iria estudar para entender porque me recebeu como a uma filha”. Declarou que apesar de já ter hospedado muitos brancos, pesquisadores e membros de ONGs de várias nacionalidades, nunca tinha se dedicado a contar e mostrar coisas de sua cultura como o fez para mim. Sua mulher, Emiliana Vera, nunca havia caminhado com outros hóspedes. São dela as seguintes frases que marcaram momentos de muita felicidade no trabalho: *Che avy’a ype* (Eu fico alegre na água) e *che avy’a che kokuepe*. (Eu fico alegre na minha roça). Os momentos em que a ouvi dizer-me estas frases foram dos mais agradáveis de todo o trabalho. Acompanhava-me com prazer aos *jeroky*, rituais, onde convidava *jaha syryry* (vamos dançar).

Quando fui para o Piraju’y para ficar mais tempo, interessada em acompanhar os rituais musicais, logo num dos primeiros dias José Morales me apresentou para o casal de xamãs e combinamos que naquele início de noite haveria ritual em sua casa na qual iríamos. As casas são relativamente longe umas das outras, sendo que a deles distava cerca de três quilômetros da casa de meu anfitrião. Ao cair da tarde estava preparada com equipamentos na mochila, quando José Morales disse que não iríamos pois não haveria ritual, devido a uma chuva fraca que caía. Fiquei inconformada, não podia acreditar. Logo compreendi que o tempo ali estava medido de outra forma e que absurdo era sair com chuva para algum compromisso pré-estabelecido. A chuva desmarca automaticamente qualquer combinado. Aos poucos e em várias situações fui percebendo que a ansiedade não combinava com o tempo dos Guarani, onde os eventos se sucedem em um ritmo diferente do que eu estava habituada e que este era na verdade o grande aprendizado pessoal da experiência inter-cultural. Até hoje quando vejo o caos que acontece nas grandes cidades quando chove, lembro daqueles momentos e da sabedoria ali exemplificada.

Está foi a percepção do tempo que tive numa situação tranqüila que a AI Piraju’y ainda tem. Na AI Amambaí vive-se todos os problemas conhecidos dos Guarani do MS, pouco espaço para muita gente, muita bebida e violência. Um abuso de autoridade por certas lideranças que deixam os outros sem ar. Os Guarani afirmam que

se sentem como gado confinados nas reservas. Uma situação que Jackson (2005) encontrou nas experiências de marginalização dos aborígenes australianos contemporâneos, do tempo não mais vivido como futuro mas como uma vazia e opressiva falta de futuro.

Terminei minha pequena reflexão com este episódio pois acho que mesmo quando falamos das concepções dos nativos sobre o contato, o que está ocorrendo, é no fundo, também uma reflexão sobre nós mesmos.

Referências Bibliográficas

JACKSON, Michael. *Existential Anthropology: Events, Exigencies and Effects*. Canada: Berghhahn Books. 2005.

MONTARDO, Deise Lucy O. *Através do mbaraka: música e xamanismo guarani*. Tese de doutorado. São Paulo: PPGAS/USP, 2002.

_____. “O fazer-se de um belo guerreiro - música e dança no jeroky guarani”. *Sexta Feira*, v.7, p.34 - 40, 2003.

_____. “Uma antropologia da música guarani”. *Tellus*, v.4, p.73 - 92, 2004.

_____. “A música como ‘caminho’ no repertório do xamanismo guarani”. *Revista Antropológicas*, v.17(1), p.115 - 134, 2006.